

## Produção científica de revistas brasileiras de Enfermagem sobre crianças que apresentam Transtorno do Espectro Autista

*Scientific production of Brazilian Nursing journals about children with Autism Spectrum Disorder*

Susy Hellen Kran Cardoso<sup>1</sup>, Marcinêis Milhomem da Silva Campos<sup>2</sup>, Gabriel Martins Cabral<sup>3</sup>, Bruna Lima Silva<sup>4</sup>, Leidiene Ferreira Santos<sup>5</sup>, Juliana Bastoni da Silva<sup>6</sup>

### RESUMO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é uma condição que afeta o neurodesenvolvimento e compromete áreas como aprendizado, comunicação, interação social e comportamento. Tais alterações afetam diretamente crianças e seus familiares, o que requer assistência multiprofissional precoce para proporcionar melhor desenvolvimento infantil e, conseqüentemente, contribuir para a adaptação familiar a esse contexto. Este estudo identificou e analisou a produção científica nacional em revistas de Enfermagem, que publicaram sobre crianças com TEA. A revisão integrativa incluiu periódicos nacionais classificados nos estratos Qualis A1, A2, A3, A4 e B1 pela classificação do quadriênio 2017-2020. A busca de artigos, sem limite temporal, foi realizada durante o período de julho a outubro de 2023 e a amostra final foi de 31 artigos. Os resultados apontaram 61% de revistas no estrato B1, 65% dos artigos nos últimos cinco anos, 65% com abordagem qualitativa e 58% apresentaram enfoque nos familiares, pais e/ou mães de crianças com TEA. Os resultados indicam que os profissionais de saúde precisam investir em formação e na realização de pesquisas com enfoque voltado para a assistência de enfermagem e multiprofissional às crianças com TEA, a fim de contribuir para inclusão e qualidade de vida dessas crianças e familiares.

**Palavras-chave:** Autismo infantil. Transtorno do Espectro Autista. Criança. Enfermagem. Equipe Multiprofissional.

### ABSTRACT

Autism Spectrum Disorder (ASD) is a condition that affects neurodevelopment and impairs areas such as learning, communication, social interaction and behavior. These changes directly affect children and their families, which requires early multidisciplinary assistance to provide better child development and, consequently, contribute to family adaptation to this context. This study identified and analyzed the national scientific production in Nursing journals, which published about children with ASD. The integrative review included national journals classified in the Qualis strata A1, A2, A3, A4 and B1 according by the classification of the four-year period 2017-2020. The search for articles, without time limit, was carried out from July to October 2023 and the final sample was 31 articles. The results showed 61% of journals in stratum B1, 65% of articles in the last five years, 65% with a qualitative approach and 58% focused on family members, fathers and/or mothers of children with ASD. The results indicate that health professionals need to invest in training and carrying out research with a focus on nursing and multidisciplinary care for children with ASD, in order to contribute to the inclusion and quality of life of these children and families.

**Keywords:** Childhood Autism. Autism Spectrum Disorder. Child. Nursing. Multidisciplinary Team.

1. Acadêmica de Enfermagem/  
Universidade Federal do  
Tocantins (UFT)

ORCID: <https://orcid.org/0009-0001-0087-4627>

2. Mestranda – Programa de Pós-  
Graduação em Ciências da Saúde  
(PPGCS/ UFT)

ORCID: <https://orcid.org/0009-0001-8511-9507>

3. Acadêmico de Enfermagem/  
UFT

ORCID: <https://orcid.org/0009-0001-4869-3323>

4. Acadêmica de Enfermagem/ UFT

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5056-9524>

5. Doutora / Professora do Curso  
de Graduação em Enfermagem -  
UFT

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2969-6203>

6. Doutora / Professora do Curso  
de Graduação em Enfermagem e  
do PPGCS - UFT

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6642-8910>

E-mail: [juliana.bastoni@uft.edu.br](mailto:juliana.bastoni@uft.edu.br)

## 1. INTRODUÇÃO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) “é um distúrbio caracterizado pela alteração das funções do neurodesenvolvimento do indivíduo, interferindo significativamente na capacidade de comunicação, linguagem, interação social e comportamento dos indivíduos”. Dessa forma, é definido como um transtorno multifacetado, ou seja, possui diferentes características que o torna complexo e que requer tratamento precoce <sup>1</sup>.

Estudo do Centro de Controle de Prevenção e Doenças (CDC), do governo dos Estados Unidos, com mais de 200 mil crianças em 11 locais no ano de 2020, verificou que a prevalência de autismo em crianças de 8 anos é de 1 em cada 36 crianças <sup>2</sup>. Outra pesquisa recente nos EUA com 12.554 pessoas revelou que a cada 30 crianças/adolescentes, entre três e 17 anos, uma será autista <sup>3</sup>. Considerando-se que pode existir uma semelhança desses dados no Brasil, é importante que enfermeiros(as) e demais profissionais de saúde tenham conhecimento científico sobre TEA, assim como habilidades clínicas para o tratamento e manejo dessas crianças e famílias.

O Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais pressupõe três níveis de suporte para o TEA, sendo eles: nível 1 (requer apoio), nível 2 (apoio substancial) e nível 3 (apoio muito substancial). É importante ratificar que os níveis não são chamados de ‘leve, moderado e grave’, por serem termos que fortalecem o estigma para os indivíduos com TEA. Essa estratificação em níveis se refere à sintomatologia atual da criança e evidencia o significado de “espectro” do autismo, ou seja, se refere às variações das características apresentadas pelas pessoas afetadas <sup>4</sup>.

Os pais ao receberem o diagnóstico dos filhos, inicialmente, passam pelo pesar do filho idealizado para aceitar o filho real. Deste modo, o processo de tratamento pode ser dificultado pela negação por parte da família. Por fim, quando há a aceitação do diagnóstico, as demandas emocionais persistem, além das físicas, devido às adequações que uma criança com TEA exige no cotidiano, o que poderá acarretar uma sobrecarga familiar <sup>5</sup>. Esta sobrecarga de trabalho e responsabilidades advém, por exemplo, da diminuição do tempo e da mudança de hábitos da família para atender às necessidades da criança com TEA <sup>6</sup>.

Desta maneira, compreende-se que o diagnóstico impacta toda a família, sendo ele um agente de mudança e adaptações, tanto no âmbito da criança com TEA, quanto na esfera familiar. A aceitação pode se tornar mais fácil se os pais possuírem informações

pertinentes acerca dessa condição do filho. Portanto, um diagnóstico realizado em meio à construção de um vínculo entre o profissional e a família/criança com TEA, marcado por empatia e capacidade de esclarecer as principais dúvidas e preocupações familiares, pode ser mais eficaz para um enfrentamento positivo <sup>7</sup>.

Ao longo dos anos existiram conquistas para as pessoas com TEA e seus familiares, como a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com TEA, que foi instituída em 2012 pela Lei Nº 12.764, que considerou este transtorno do neurodesenvolvimento como deficiência para fins legais e estipulou direitos específicos para essas pessoas. Além disso, criou a Carteira de Identificação da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista por meio da Lei Nº 13.977 de 2020, que visa garantir, principalmente, a identificação e a prioridade no atendimento aos serviços públicos e privados. Tais direitos visam garantir atenção integral às necessidades da criança com TEA, o que inclui diagnóstico precoce e atendimento multiprofissional <sup>8</sup>.

Diante desse cenário e da complexidade dos cuidados que uma criança com TEA requer, um estudo identificou que os profissionais de Enfermagem, frequentemente, se sentem despreparados para lidar com essas crianças e seus familiares. Por sua vez, a razão repetidamente apontada é a falta de capacitação sobre o tema durante a graduação, bem como, posteriormente, no mercado de trabalho por meio de educação permanente <sup>9</sup>.

Assim, evidencia-se a necessidade de uma maior aproximação teórica e prática dos enfermeiros com a pessoa com TEA e suas implicações para a criança e seus familiares, uma vez que os enfermeiros desempenham um papel crucial desde a suspeita do diagnóstico até o acompanhamento dessas crianças nos serviços de saúde. Em síntese, as crianças com TEA e suas famílias necessitam de um atendimento que considere suas singularidades de maneira abrangente. Portanto, com o intuito de contribuir com a produção do conhecimento sobre o relevante tema, bem como com a prática profissional, este estudo buscou identificar e analisar artigos referentes à produção científica nacional em revistas de Enfermagem sobre crianças que apresentam Transtorno do Espectro Autista.

## 2. MATERIAIS E MÉTODOS

A presente pesquisa é uma revisão integrativa de literatura, que consiste na reunião e síntese de resultados de estudos sobre um tema, de forma sistemática; permite a inclusão de estudos teóricos e empíricos, sem restrição metodológica<sup>10</sup>. Para identificar os artigos que atendem aos objetivos da pesquisa, foram consultados os principais periódicos

nacionais de Enfermagem. Esses periódicos são classificados pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) nos estratos Qualis A1, A2, A3, A4 e B1, conforme a classificação do quadriênio 2017-2020.

Foram incluídos todos os artigos publicados em português que abordaram a temática do autismo nas revistas citadas anteriormente, sem restrição de data de publicação. Em seguida, foram excluídos os artigos que não estavam disponíveis na íntegra para leitura e que não respondiam ao tema da pesquisa. Para a busca dos artigos nas respectivas revistas foram utilizados os Descritores em Ciências da Saúde da Biblioteca Virtual em Saúde (DeCS BVS) e termos alternativos, sugeridos pela BVS, associados pelo conector booleano OR: “transtorno autístico” OR “autismo” OR “autismo infantil” OR “transtorno do espectro autista” OR “transtorno de espectro autista” OR “transtorno do espectro do autismo”.

Os artigos foram selecionados em revistas científicas de enfermagem, por discentes e docentes de uma instituição de ensino superior, durante o período de julho a outubro de 2023. Para a extração de dados, foi elaborado um instrumento metodológico com os seguintes tópicos, conforme apresentado no quadro 1: qualis da revista, ano de publicação, revista, referência, título e principais resultados. Além disso, o estudo não necessitou de submissão ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), pois se trata de uma pesquisa com dados secundários.

### 3. RESULTADOS

Após a realização da busca de revistas, na atual classificação da CAPES (2017-2020), verificou-se que não há periódicos nacionais de Enfermagem no estrato A1. No estrato A2 os artigos da presente revisão foram pesquisados na Revista da Escola de Enfermagem da USP e na Revista Latino-Americana de Enfermagem; no estrato A3 foram pesquisadas na Revista Gaúcha de Enfermagem e na Texto & Contexto Enfermagem; no estrato A4 na Revista Brasileira de Enfermagem, Acta Paulista de Enfermagem e a Revista Enfermagem UERJ; por último, no estrato B1, a pesquisa foi realizada nas revistas: Cogitare Enfermagem, Enfermagem em Foco, Revista Mineira de Enfermagem, Revista de Enfermagem da UFPI, Revista de Enfermagem da UFSM, Revista de Enfermagem do Centro-Oeste Mineiro, Revista de Enfermagem e Atenção à Saúde, Revista de Enfermagem UFPE, Revista Eletrônica de Enfermagem, Enfermagem Atual In Derme, Enfermagem Revista, Escola Anna Nery, Revista da Rede de Enfermagem do Nordeste e Revista

SOBECC - Associação Brasileira de Enfermagem de Centro Cirúrgico, Recuperação Anestésica e Centro de Material e Esterilização.

Foram identificadas 21 revistas nacionais de Enfermagem nos estratos Qualis A1, A2, A3, A4 e B1. Dessas revistas, 13 (61,9%) continham artigos sobre a temática e a maioria das revistas estava classificada no estrato B1 (66,7%). Foram encontrados 33 artigos em 13 revistas, mas 2 foram excluídos por não abordarem o tema da pesquisa ou não estarem disponíveis na íntegra, resultando em 31 artigos analisados, dos quais a maioria apresentava abordagem qualitativa (n=21; 65%), assim como enfoque nos pais/familiares de crianças autistas (n=12; 39%), seguido dos artigos com enfoque nas crianças com TEA (n=7; 23%), e nas mães dessas crianças (n=6; 19%). Os artigos selecionados são apresentados no Quadro 1.

**Quadro 1** – Principais resultados de artigos sobre Transtorno do Espectro Autista agrupados por classificação Qualis CAPES e revista científica

Qualis, Ano, Revista e Referência	Título e Principais Resultados
A2; 2023 Revista Latino-Americana de Enfermagem 11	<b>Assistência às famílias de crianças com Transtornos do Espectro Autista: percepções da equipe multiprofissional.</b> Resultados mostraram ações voltadas para situações específicas, principalmente as necessidades decorrentes do cuidado que as crianças atípicas requerem. Os fatores que afetam o cuidado familiar incluem trabalho excessivo e pouca experiência por parte dos profissionais. Enfatizou a fragilidade do atendimento e a invisibilidade da família como unidade de cuidado.
A2; 2022 Revista Latino-Americana de Enfermagem 12	<b>Repercussões da pandemia da COVID-19 para pessoas com autismo e aos seus familiares: revisão de escopo.</b> Estudos mostraram que a pandemia trouxe diversas repercussões para as pessoas com TEA e seus familiares como, por exemplo, emocionais, comportamentais e nas atividades de vida diária. No entanto, foram apontados benefícios também, como a diminuição da sobrecarga sensorial pela redução da atividade social ou o aumento do tempo em família.
A2; 2010 Revista Latino-Americana de Enfermagem 13	<b>Depressão e qualidade de vida em mães de crianças com transtornos invasivos do desenvolvimento.</b> Os resultados indicaram que 15% das mães possuíam os critérios para disforia/depressão; 70% avaliaram positivamente sua qualidade de vida, no entanto, apenas 40% delas estavam satisfeitas com sua saúde. O domínio físico (média=69,4) foi o melhor apreciado e o pior foi o ambiental (média=60,8).

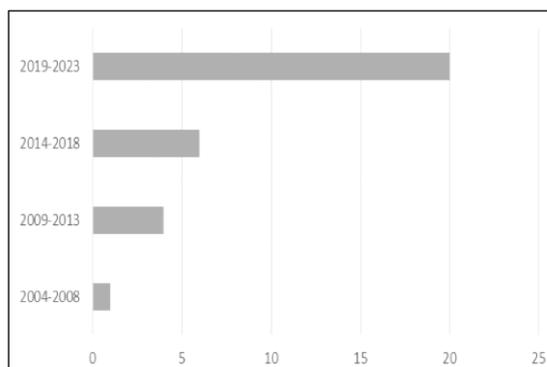
A3; 2022 Revista Gaúcha de Enfermagem 14	<b>Sobrecarga de mães com filhos diagnosticados com transtorno do espectro autista: estudo de método misto.</b> A prevalência de sobrecarga materna, variando de leve a grave, foi de 76,6%, com 64,7% das mães percebendo essa sobrecarga. As participantes relataram cuidar dos filhos de forma solitária, em alguns casos, enfrentando abandono parental devido à não aceitação do diagnóstico por alguns pais. A insuficiência de renda, mesmo com auxílio governamental, levou algumas mães a buscar trabalho informal. Além disso, os comportamentos atípicos dos filhos dificultaram a realização de atividades de lazer pelas mães.
A3; 2021 Revista Gaúcha de Enfermagem 15	<b>Apoio informacional às famílias de crianças com transtorno do espectro autista.</b> As fontes de apoio informacional encontradas foram formais e informais como, por exemplo, profissionais da área da saúde e educação, a internet, <i>blogs</i> e <i>whatsapp</i> , Organizações Não Governamentais (ONG's), livros, cursos, entre outros.
A3; 2021 Revista Gaúcha de Enfermagem 16	<b>Vivências de familiares de crianças diagnosticadas com Transtorno do Espectro Autista.</b> Os resultados, organizados em cinco classes, mostraram que os familiares tinham conhecimentos insuficientes sobre TEA e buscaram ajuda em instituições de apoio. Eles foram os primeiros a notar alterações nas crianças e a buscar um diagnóstico, o que trouxe aceitação, rejeição, esperança e angústia. Após o diagnóstico, houve mudanças na rotina, hábitos, estilo de vida e vínculos de trabalho. Os principais sentimentos foram solidão, luto e medo.
A3; 2016 Revista Gaúcha de Enfermagem 7	<b>Autismo infantil: impacto do diagnóstico e repercussões nas relações familiares.</b> A descoberta do diagnóstico foi especialmente difícil, principalmente diante do desconhecido que é apresentado. Além disso, as entrevistas mostraram que houve pouco esclarecimento por parte dos profissionais, com falas superficiais e incompletas.
A3; 2015 Revista Gaúcha de Enfermagem 17	<b>Mães de crianças com transtorno autístico: percepções e trajetórias.</b> Principais percepções das mães entrevistadas quanto as alterações das crianças envolveram atraso na fala e linguagem, dificuldade de interação social e falta de interesse em brincar. As trajetórias em sua maioria começaram na atenção primária. Após a percepção das mães iniciava-se uma peregrinação pelos serviços de saúde em busca do diagnóstico.
A4; 2021 Revista Brasileira de Enfermagem 18	<b>Demandas de informações das famílias de crianças com Transtorno do Espectro Autista.</b> As principais demandas de informações foram referentes as características do transtorno (definição, causa, possibilidade de cura, prognóstico e a probabilidade de ter outro filho com TEA); a rotina e o comportamento da criança; os direitos e as expectativas futuras.
A4; 2020 Revista Brasileira de Enfermagem 19	<b>Vivências familiares na descoberta do Transtorno do Espectro Autista: implicações para a enfermagem familiar.</b> A dificuldade da família em perceber os sinais atípicos e a participação da escola como facilitadora desse processo de reconhecimento; A falta de rede de apoio familiar tanto nos serviços de saúde especializados para diagnóstico quanto para o tratamento.

A4; 2008 Revista Brasileira de Enfermagem 20	<b>Vivências maternas na realidade de ter um filho autista: uma compreensão pela enfermagem.</b> As mães vivenciam o fato de terem um filho autista com sentimentos de fé, nulidade e solidão. Elas cuidam do filho incondicionalmente e passam a lutar pelo bem-estar do filho sem queixas, se utilizando da fé para obterem aceitação, abnegação e paciência.
A4; 2023 Acta Paulista de Enfermagem 21	<b>Assistência do enfermeiro (a) a crianças e adolescentes com transtorno do espectro autista.</b> A assistência a crianças e adolescentes com TEA foi dividida em duas categorias. A primeira, "Assistência do Enfermeiro à criança/adolescente com TEA" e a segunda, "Dificuldades enfrentadas por Enfermeiros na assistência à criança/adolescente com TEA".
B1; 2022 Cogitare Enfermagem 22	<b>Validação de informações para construção de cartilha interativa para famílias de crianças com autismo.</b> Os conteúdos considerados válidos foram: características das crianças autistas, seu diagnóstico, comportamento, direitos, sinais de autismo e seu futuro.
B1; 2022 Enfermagem em foco 23	<b>Percepção dos acadêmicos de enfermagem sobre autismo.</b> A maioria dos acadêmicos não conheciam a faixa etária em que se manifestam geralmente os primeiros sinais de autismo; identificaram os sintomas nucleares do TEA; 65% negaram haver correlação entre o nível socioeconômico e o transtorno; 4% acham que todos os autistas são superdotados; para 98% o autismo não é causado por vacina; a maioria afirmou não ter recebido conhecimento suficiente na graduação sobre o tema. Todos concordaram que há falta de conscientização sobre o TEA entre profissionais da saúde.
B1; 2020 Enfermagem em foco 24	<b>Práticas complementares ao Transtorno do Espectro Autista infantil.</b> As principais práticas complementares a serem utilizadas no tratamento de crianças com TEA são: musicoterapia, equoterapia, cinoterapia, atividade física, dançaterapia, ludoterapia e psicomotricidade.
B1; 2019 Enfermagem em foco 25	<b>Experiência dos familiares no convívio de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA).</b> A análise dos dados deu origem a três categorias: a descoberta do autismo; experiências dos familiares após o diagnóstico de autismo e atendimento em saúde da criança com autismo, que apontaram a importância do conhecimento na vida dos familiares do autista.
B1; 2016 Revista de Enfermagem da UFPI 26	<b>Comportamento alimentar de crianças e adolescentes autistas atendidas em um Centro Integrado de Educação Especial.</b> Observaram-se reações como, por exemplo, negação ou preferência por determinada cor, cheiro, consistência e textura, resistência em sentar à mesa para comer com outras pessoas, entrar no refeitório e aceitar novos preparos.
B1; 2022 Revista de Enfermagem da UFSM 27	<b>Repercussões da pandemia de COVID-19 na saúde das mulheres mães de crianças autistas.</b> As mulheres relataram sentir cansaço, desânimo e depressão durante a pandemia. Adaptaram suas rotinas de trabalho e domésticas, reduziram o autocuidado e lazer. O isolamento aumentou

	a sobrecarga e a saúde de familiares, causando tristeza ao verem seus filhos sem terapia e regredindo. As crianças geraram mais demanda física e emocional.
B1; 2011 Rev.Enf. Centro-Oeste Mineiro <sup>28</sup>	<b>Cinema e psiquiatria: filmes para o estudo do autismo.</b> Verificou-se a presença da psicopatologia do autismo nos personagens infantis analisados com grande variabilidade no grau de autismo e sinais e sintomas.
B1; 2019 Revista Enfermagem UFPE <sup>29</sup>	<b>Avaliação do limiar sensorial para gosto doce no autismo infantil.</b> “Observou-se que as crianças sem TEA apresentam limiar gustativo médio para o gosto doce de 0,96 g/L de sacarose, limiar inferior ao de crianças com TEA (5,42 g/L de sacarose). Averiguou-se, no teste de preferência sensorial, que crianças com Transtorno preferem amostras com gostos mais doces”.
B1; 2019 Revista Enfermagem UFPE <sup>30</sup>	<b>Conhecimentos de estudantes de enfermagem sobre os transtornos autísticos.</b> Os meios de comunicação foram a principal fonte para obter informações sobre o TEA. As principais alterações marcadas foram as dificuldades nas interações sociais, o comprometimento na comunicação e o uso da linguagem verbal e não verbal, além de altas habilidades cognitivas. Verificou-se que 90,8% não se sentem seguros para atender pessoas com TEA.
B1; 2019 Revista Enfermagem UFPE <sup>31</sup>	<b>O ambiente familiar e o desenvolvimento da criança com autismo.</b> Constatou-se que estilos parentais, aliança parental, participação dos familiares na vida diária da criança, situações socioeconômicas e culturais possuem grande influência no desenvolvimento da criança com TEA.
B1; 2017 Revista Enfermagem UFPE <sup>32</sup>	<b>Avaliação da qualidade de vida de crianças que estão no espectro do autismo.</b> Os resultados foram divididos em cinco categorias, sendo “Entendimento dos cuidadores sobre o autismo”: possuíam conhecimento sobre os principais conceitos; “Comportamento da criança que mais incomoda/agrada”: o que mais incomoda são as birras, irritação, autoagressão e hiperatividade, o que mais agrada são afeto e carinho; “Dificuldades enfrentadas no cuidado da criança autista”: principalmente dificuldade de comunicação; “Participação da criança que está no espectro autista nas atividades recreativas da escola”: participam com dificuldade de interação social; “Percepção dos cuidadores sobre a qualidade de vida das crianças com TEA”: para os responsáveis a qualidade de vida está relacionada às condições básicas como, por exemplo, alimentação, saúde, lazer e educação. Percebe-se como satisfatória a qualidade de vida das crianças, com 74,2%.
B1; 2012 Revista Enfermagem UFPE <sup>33</sup>	<b>Assistência interdisciplinar prestada à criança portadora de autismo.</b> Os profissionais entrevistados trabalham com princípios de interdisciplinaridade, integralidade e singularidade. Utilizam oficinas para promover aprendizado entre as crianças e acreditam na importância de uma intervenção precoce e esta tem gerado avanços entre as crianças autistas.
B1; 2011	<b>Percepções de pais de crianças com autismo.</b> Diante do diagnóstico de autismo surgiram sentimentos como angústia, choque, desespero, frustração e conformismo. O conhecimento da

Revista Enfermagem UFPE <sup>34</sup>	maior parte dos pais se dava pela vivência e para alguns através de meios eletrônicos. Relataram participar do plano de atividades dos seus filhos, contudo, não os executam em sua totalidade a fim de criar maior vínculo com o filho.
B1; 2019 Revista Eletrônica de Enfermagem <sup>35</sup>	<b>Experiências de professores com o autismo: impacto no diagnóstico precoce e na inclusão escolar.</b> Identificou-se dois núcleos temáticos: “Conhecimentos, experiências e percepções sobre o TEA” e “O professor frente ao aluno com TEA e os investimentos para a detecção e inclusão”. O primeiro núcleo destacou a ausência de contato visual, dificuldade de comunicação, prejuízo social e padrões repetitivos, sabendo identificar os principais sinais do TEA. No segundo núcleo, os participantes referiram que se capacitar é imperativo quando se tem um aluno autista em sala.
B1; 2020 Revista Enfermagem Atual In Derme <sup>36</sup>	<b>Aplicação da teoria de Callista Roy a pais/cuidadores de crianças autistas: uma proposta intervencionista.</b> Destaca-se - Modo fisiológico: indigestão/desconforto abdominal, alteração no sono, agitação, falta de energia, incapacidade de relaxar, choro, dificuldade de concentração, medo, atordoado e nervoso. Modo autoconceito: problemas adaptativos de perda de prazer, irritabilidade, cansaço ou fadiga e autocrítica. Modo função na vida real: desvalorização, medo de perder o controle e a indecisão. Modo interdependência: perda de interesse.
B1; 2020 Revista Enfermagem Atual In Derme <sup>37</sup>	<b>O uso de aplicativos digitais no processo ensino-aprendizagem de indivíduos com Espectro do Autismo: uma revisão integrativa.</b> Os recursos digitais ( <i>softwares</i> e aplicativos desenvolvidos especificamente para crianças no espectro) são benéficos e possuem resultados satisfatórios no processo ensino-aprendizagem em crianças com TEA.
B1; 2019 Revista Enfermagem Atual In Derme <sup>38</sup>	<b>Percepções sobre o autismo sob a ótica das mães.</b> Em relação ao diagnóstico, os sentimentos relatados foram: confusão, frustração, luto, tristeza, medo, angústia, preocupação e alívio. No que se refere às dificuldades e perspectivas de futuro, foram citadas dificuldade de comunicação com os filhos, atenção contínua, promover atividades de desenvolvimento, lidar com a agitação dos filhos e preconceito das pessoas. As perspectivas incluem incertezas, esperanças de um futuro com autonomia devido o tratamento e dificuldades para planejar o futuro.
B1; 2018 Escola Anna Nery <sup>39</sup>	<b>Criança com transtorno do espectro autista: cuidado na perspectiva familiar.</b> A família possui dificuldade em relacionar os sinais e comportamentos a um transtorno. Alguns tiveram dificuldade em aceitar o diagnóstico. A mãe se torna cuidadora principal, enquanto o pai permanece na retaguarda. A família então, reorganiza a rotina e direciona o cuidado à criança autista.
B1; 2017 Escola Anna Nery <sup>40</sup>	<b>Autocuidado da criança com espectro autista por meio das <i>Social Stories</i>.</b> “Constatou-se a evolução da criança do sistema parcialmente compensatório para o sistema de apoio-educação, devido ao aumento da capacidade de autocuidado no banho, na escovação dos dentes e na higienização após as eliminações intestinais”.

Na figura 1, nota-se que os artigos selecionados foram publicados predominantemente nos últimos cinco anos (n=20; 65%).



Fonte: elaborado pelos autores, 2023.

**Figura 1** – Distribuição de artigos selecionados por períodos de publicação.

#### 4. DISCUSSÃO

No presente estudo, 65% dos artigos analisados foram publicados nos últimos cinco anos e se considerarmos os artigos publicados no período de 2014 a 2023, a porcentagem aumenta para 84%, o que indica o crescente interesse científico e profissional pelo tema. Este fato pode estar relacionado tanto com a criação da Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista, em 2012, quanto com a atualização da quinta edição do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5) em 2013, visto que ambos possuem publicação próxima à última década, são marcos documentais do tema e trouxeram mudanças significativas no diagnóstico, nos direitos e no reconhecimento da condição por parte da sociedade em geral.

Houve predominância dos artigos publicados no estrato B1, cuja qualidade científica e metodológica é considerada inferior em comparação ao estrato A. Portanto, é crucial que enfermeiros e outros profissionais de saúde invistam em pesquisas com maior rigor metodológico, visando publicações de excelência que contribuam para o avanço no diagnóstico, cuidado e tratamento das crianças com TEA. Reconhece-se, assim, a necessidade de maior incentivo e investimento financeiro por parte das agências governamentais de fomento para apoiar essas iniciativas.

Além disso, essa revisão de literatura identificou predominantemente pesquisas com abordagem qualitativa, que melhor responde aos questionamentos que abordam aspectos subjetivos<sup>41</sup>. As principais demandas de informações sobre TEA envolvem aspectos subjetivos como, por exemplo, as características do TEA, os comportamentos, os direitos

---

e o futuro das crianças com TEA. Portanto, o TEA mobiliza sentimentos e questões subjetivas nas famílias mais do que geram dúvidas objetivas relacionadas a aspectos puramente biológicos, o que se comprovou também neste estudo <sup>18</sup>.

Os dados obtidos sobre o enfoque das pesquisas revelam que, embora 12 artigos (39% da amostra) indiquem um foco nos pais/familiares em geral, a análise detalhada dos materiais mostra que em cerca da metade desses estudos, as amostras eram compostas exclusivamente por mães ou elas representavam a maioria. Um estudo que investigou a sobrecarga materna de mães de crianças com TEA identificou que, em muitos casos, o diagnóstico não foi aceito pelos pais, levando ao abandono parental. Como resultado, as atividades relacionadas ao cuidado dos filhos eram realizadas predominantemente de modo solitário pelas mães, que se tornaram as principais cuidadoras. Essas mães relataram enfrentar estresse emocional significativo devido à responsabilidade integral e à falta de apoio, sentindo-se sobrecarregadas e sozinhas <sup>14</sup>. Considerando o exposto, os profissionais de saúde devem ter um olhar atento para essas mães e idealmente, realizar planos de cuidados que se estendam a elas.

Ainda com relação ao enfoque dos artigos incluídos nessa revisão, observou-se que apenas dois artigos dentre os 31 analisados (menos de 7%) discutiram questões relacionadas aos profissionais de saúde. Especificamente, em relação ao enfermeiro, um estudo apontou que os enfermeiros possuíam pouca ou nenhuma aproximação do assunto na graduação. Além disso, sentiam falta de diretrizes e recursos que norteassem o cuidado prestado às famílias e crianças com TEA<sup>9</sup>.

Outro fator importante se encontra na complexidade do tema. O TEA possui uma variedade de sinais e sintomas, além dos tabus e estigmas que o envolvem <sup>9</sup>, o que exigirá dos profissionais estudo e busca por educação permanente, desafio que deverá ser compartilhado com os gestores dos serviços de saúde. Entretanto, os cursos da área de saúde, diante do expressivo número de crianças com TEA, devem abordar este tema, seja no ensino, na pesquisa ou nas atividades de extensão.

O enfermeiro pode contribuir com a elaboração de modelos de avaliação e intervenção, bem como auxiliar os demais profissionais da equipe a se comunicarem e a interajam com as famílias<sup>11</sup>. Além disso, ao acompanhar o crescimento e o desenvolvimento da criança, o enfermeiro deverá considerar as queixas dos pais, promover

a aceitação do diagnóstico, fornecer informações à família, conforme as necessidades de cada unidade familiar e encaminhar a criança para atendimento especializado<sup>42</sup>.

Como limitação deste estudo, pode-se citar a pesquisa voltada apenas para revistas brasileiras de enfermagem. Considera-se válida a ampliação dessa investigação para outras áreas, como a interdisciplinar, bem como para o âmbito internacional.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio desta revisão de literatura foi possível identificar e analisar a produção científica de revistas brasileiras de Enfermagem sobre o TEA em crianças, considerando-se os estratos A (A1 a A4) e B (B1). A amostra final foi de 31 artigos, com predomínio de revistas classificadas no estrato B1, de artigos publicados nos últimos cinco anos e com abordagem qualitativa. Observou-se que as revistas analisadas, apresentaram artigos que discutiram principalmente aspectos subjetivos do TEA, especialmente sobre vivências e relações familiares com crianças autistas. Espera-se que este trabalho incentive enfermeiros e equipes de saúde a enfrentar os déficits de conhecimento identificados e a ampliar os enfoques de pesquisa, com o intuito de contribuir para a inclusão das crianças com TEA e, conseqüentemente, melhorar a qualidade de vida delas e de suas famílias.

## REFERÊNCIAS

- 1 Brasil, Ministério da Saúde. TEA: saiba o que é o Transtorno do Espectro Autista e como o SUS tem dado assistência a pacientes e familiares [Internet]. Ministério da Saúde. [citado 30 de maio de 2024]. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2022/abril/tea-saiba-o-que-e-o-transtorno-do-espectro-autista-e-como-o-sus-tem-dado-assistencia-a-pacientes-e-familiares>
- 2 Maenner MJ. Prevalence and Characteristics of Autism Spectrum Disorder Among Children Aged 8 Years — Autism and Developmental Disabilities Monitoring Network, 11 Sites, United States, 2020. *MMWR Surveill Summ* [Internet]. 2023 [citado 30 de maio de 2024];72. Disponível em: <https://www.cdc.gov/mmwr/volumes/72/ss/ss7202a1.htm>
- 3 Li Q, Li Y, Liu B, Chen Q, Xing X, Xu G, et al. Prevalence of Autism Spectrum Disorder Among Children and Adolescents in the United States From 2019 to 2020. *JAMA Pediatr*. 1º de setembro de 2022;176(9):943.
- 4 American Psychiatric Association (APA). Manual diagnóstico e estatístico e transtornos mentais: DSM-5 [Internet]. 5º ed. Artmed; 2021 [citado 30 de maio de 2024]. Disponível em: <https://www.institutopebioetica.com.br/documentos/manual-diagnostico-e-estatistico-de-transtornos-mentais-dsm-5.pdf>
- 5 Duarte AEO. Aceitação dos pais para o transtorno do espectro autista do filho. *Rev Int Apoyo Inclusión Logop Soc Multicult* [Internet]. 2019 [citado 30 de maio de 2024];5(2). Disponível em: <https://revistaselectronicas.ujaen.es/index.php/riai/article/view/4791>

- 
- 6 Misquiatti ARN, Brito MC, Ferreira FTS, Assumpção Júnior FB. Sobrecarga familiar e crianças com transtornos do espectro do autismo: perspectiva dos cuidadores. *Rev CEFAC*. fevereiro de 2015;17:192–200.
- 7 Pinto RNM, Torquato IMB, Collet N, Reichert APDS, Souza Neto VLD, Saraiva AM. Autismo infantil: impacto do diagnóstico e repercussões nas relações familiares. *Rev Gaúcha Enferm* [Internet]. 2016 [citado 25 de junho de 2024];37(3). Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1983-14472016000300413&lng=pt&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-14472016000300413&lng=pt&tlng=pt)
- 8 Brasil. Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista. [Internet]. Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012 dez 27, 2012. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2012/lei/l12764.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12764.htm)
- 9 Sena RCF de, Reinalde EM, Silva GW dos S, Sobreira MVS. Prática e conhecimento dos enfermeiros sobre o autismo infantil. *Rev Pesqui Cuid É Fundam Online*. 2015;7(3):2707–16.
- 10 Canuto LT, Oliveira AASD. Métodos de revisão bibliográfica nos estudos científicos. *Psicol Em Rev*. 13 de abril de 2020;26(1):83–102.
- 11 Bonfim T de A, Giacon-Arruda BCC, Galera SAF, Teston EF, Nascimento FGPD, Marcheti MA. Assistência às famílias de crianças com Transtornos do Espectro Autista: percepções da equipe multiprofissional. *Rev Lat Am Enfermagem*. 6 de março de 2023;31:e3780.
- 12 Teixeira OFB, Xavier SPL, Félix NDDC, Silva JWMD, Abreu RMSXD, Miranda KCL. Repercussões da pandemia da COVID-19 para pessoas com autismo e aos seus familiares: revisão de escopo. *Rev Lat Am Enfermagem*. 2022;30:e3729.
- 13 Fávero-Nunes MÃ, Santos MAD. Depression and quality of life in mothers of children with pervasive developmental disorders. *Rev Lat Am Enfermagem*. fevereiro de 2010;18(1):33–40.
- 14 Vilanova JRS, Carneiro CT, Rocha KNDS, Brito MDA, Rocha RC, Costa ADC, et al. Sobrecarga de mães com filhos diagnosticados com transtorno do espectro autista: estudo de método misto. *Rev Gaúcha Enferm*. 2022;43:e20210077.
- 15 Weissheimer G, Mazza VDA, Freitas CASL, Silva SRD. Informational support for families of children with autism spectrum disorder. *Rev Gaúcha Enferm*. 2021;42:e20200076.
- 16 Magalhães JM, Rodrigues TA, Neta MMR, Damasceno CKCS, Sousa KHJF, Arisawa EÃLS. Experiences of family members of children diagnosed with autism spectrum disorder. *Rev Gaúcha Enferm*. 2021;42:e20200437.
- 17 Ebert M, Lorenzini E, Silva EFD. Mothers of children with autistic disorder: perceptions and trajectories. *Rev Gaúcha Enferm*. março de 2015;36(1):49–55.

- 
- 18 Weissheimer G, Mazza VDA, Santana JM, Ruthes VBTNM, Freitas CASL. Information demands from families of children with Autism Spectrum Disorder. *Rev Bras Enferm.* 2021;74(5):e20200642.
- 19 Bonfim TDA, Giacon-Arruda BCC, Hermes-Uliana C, Galera SAF, Marcheti MA. Family experiences in discovering Autism Spectrum Disorder: implications for family nursing. *Rev Bras Enferm.* 2020;73(suppl 6):e20190489.
- 20 Monteiro CFDS, Batista DONDM, Moraes EGDC, Magalhães TDS, Nunes BMVT, Moura MEB. Vivências maternas na realidade de ter um filho autista: uma compreensão pela enfermagem. *Rev Bras Enferm.* junho de 2008;61(3):330–5.
- 21 Jerônimo TGZ, Mazzaia MC, Viana JM, Chistofolini DM. Assistência do enfermeiro(a) a crianças e adolescentes com transtorno do espectro autista. *Acta Paul Enferm.* 7 de junho de 2023;36:eAPE030832.
22. Weissheimer-Kaufmann G, De Azevedo Mazza V, Trevisan Nobrega Martins Ruthes VB, Ferrari De Oliveira L. Validação de informações para construção de cartilha interativa para famílias de crianças com autismo. *Cogitare Enferm.* 28 de setembro de 2022;(27):1–13.
- 23 Camelo IM, Neves KRT, Camelo EC, Aragão GF. Percepção dos acadêmicos de enfermagem sobre autismo. *Enferm Em Foco [Internet].* 5 de maio de 2022 [citado 25 de junho de 2024];12(6). Disponível em: <http://revista.cofen.gov.br/index.php/enfermagem/article/view/4890>
- 24 Viana ÁLO, Silva AB da, Lima KBB de, Souza MV de, Borges VGR. Práticas complementares ao transtorno do espectro autista infantil: revisão integrativa da literatura. *Enferm Foco Brasília.* 2020;48–56.
- 25 Hofzmann R da R, Perondi M, Menegaz J, Lopes SGR, Borges D da S. Experiência dos familiares no convívio de crianças com transtorno do espectro autista (TEA). *Enferm Foco Brasília.* 2019;64–9.
- 26 Fernandes MA, Vasconcelos MMF de, Santos M do PS de S, Lima RMT de, Veloso J de O, Fernandes RF. Comportamento alimentar de crianças e adolescentes autistas atendidas em um centro integrado de educação especial. *Rev Enferm UFPI.* 2016;101–4.
- 27 Souza JB, Potrich T, Pitilin ÉB, Rossetto M, Durand MK, Oliveira Friestino JK. Repercussões da pandemia de COVID-19 na saúde das mulheres mães de crianças autistas. *Rev Enferm UFSM.* 2 de agosto de 2022;12:e32.
- 28 Botti NCL, Cota FVH. Cinema e psiquiatria: filmes para o estudo do autismo. *Rev Enferm Cent-Oeste Min.* 2011;313–23.
- 29 Sena ADS, Santos G, Dos Santos CS, Santos TS, Pereira GB, Alves TPM, et al. Avaliação do limiar sensorial para gosto doce no autismo infantil. *Rev Enferm UFPE Line [Internet].* 1º de agosto de 2019 [citado 25 de junho de 2024];13. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/view/239959>

- 
- 30 Ferreira ACSS, Franzoi MAH. Conhecimento de estudantes de enfermagem sobre os transtornos autísticos. *Rev Enferm UFPE Line*. 3 de janeiro de 2019;13(1):51.
- 31 Carmo MA, Zanetti ACG, Santos PL dos. O ambiente familiar e o desenvolvimento da criança com autismo. *Rev Enferm UFPE Line*. 2019;206–15.
- 32 Silva RNA da, Carvalho Filha FSS, Lima AF dos A, Silva FL da, Vilanova J de M, Santos EP dos. Avaliação da qualidade de vida de crianças que estão no espectro do autismo. *Rev Enferm UFPE Line*. 2017;3461–70.
- 33 Azevedo EB, Gouveia AO de, Silva PM de C, Rocha DC, Silva JJS da, Meira RC, et al. Interdisciplinary Child Care Offered With Autism. *Rev Enferm UFPE Line*. 28 de fevereiro de 2012;6(5):1180–11861.
- 34 Carvalho QG da S, Silva LASM da, Rodrigues LV, Andrade VR de, Souto ÉLM. Perceptions of parents of children with autism. *Rev Enferm UFPE Line*. 22 de abril de 2011;5(3):637–44.
- 35 Couto CC, Furtado MDC, Zilly A, Silva MAI. Experiências de professores com o autismo: impacto no diagnóstico precoce e na inclusão escolar. *Rev Eletrônica Enferm [Internet]*. 31 de dezembro de 2019 [citado 25 de junho de 2024];21. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/fen/article/view/55954>
- 36 Soares Sousa Carvalho Filha F, De Castro RDP, De Melo Vilanova J, Da Rocha Santos Da Silva MV, De Moraes Filho IM, Da Silva De Sousa TV. Aplicação da teoria de Callista Roy a pais/Cuidadores de crianças autistas: uma proposta intervencionista. *Rev Enferm Atual Derme [Internet]*. 25 de janeiro de 2021 [citado 25 de junho de 2024];94(32). Disponível em: <https://teste.revistaenfermagematual.com/index.php/revista/article/view/728>
- 37 Carvalho Filha FSS, Cardoso BDA, De Moraes Filho IM, Do Nascimento FLSC, Da Silva MVDRS, Pereira MC, et al. O uso de aplicativos digitais no processo ensino-aprendizagem de crianças no espectro do autismo: uma revisão integrativa: The use of digital applications in the teaching-learning process of individuals with the spectrum of autism: an integrative review. *Rev Enferm Atual Derme [Internet]*. 6 de abril de 2020 [citado 25 de junho de 2024];91(29). Disponível em: <https://teste.revistaenfermagematual.com/index.php/revista/article/view/566>
- 38 Biff D, Ribeiro VRD, Mellos A, Pereira LD, Manzoni FD. Percepções sobre o autismo sob a ótica das mães: Perception about autism under the optics of mothers. *Rev Enferm Atual Derme [Internet]*. 11 de abril de 2019 [citado 25 de junho de 2024];87(25). Disponível em: <https://teste.revistaenfermagematual.com/index.php/revista/article/view/222>
- 39 Mapelli LD, Barbieri MC, Castro GVDZB, Bonelli MA, Wernet M, Dupas G. Child with autistic spectrum disorder: care from the family. *Esc Anna Nery [Internet]*. 23 de novembro de 2018 [citado 25 de junho de 2024];22(4). Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-81452018000400232&lng=en&tlng=en](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-81452018000400232&lng=en&tlng=en)

40 Rodrigues PMDS, Albuquerque MCDSD, Brêda MZ, Bittencourt IGDS, Melo GBD, Leite ADA. Self-care of a child with autism spectrum by means of Social Stories. Esc Anna Nery - Rev Enferm [Internet]. 2017 [citado 25 de junho de 2024];21(1). Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ean/a/TwTJKc4xs4dY5hdjxdv6yVs/abstract/?lang=pt>

41 Yin RK. Pesquisa Qualitativa do Início ao Fim. Penso Editora; 2016. 592 p.

42 Mota MVDS, Mesquita GDC, Silva ALAD, Silva NM, Sousa GCD. Contribuições da enfermagem na assistência à criança com transtorno do espectro autista: uma revisão da literatura. Rev Baiana Saúde Pública. 30 de setembro de 2022;46(3):314–26.